

O YOUTUBE COMO ESPAÇO FORMATIVO: PROPOSIÇÕES PARA O LETRAMENTO DIGITAL E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Fernanda Rodrigues dos Santos Faisca
*Aluna Especial do Programa de Pós Graduação em
Cognição e Linguagem da UENF*
fernandarsfaisca@gmail.com

Mysllene Gomes do Nascimento
*Aluna Especial do Programa de Pós Graduação em
Cognição e Linguagem da UENF*
mysllenegomesdonascimento@gmail.com

Beatriz Nogueira da Silva Reis Pacheco
*Aluna Especial do Programa de Pós Graduação em
Cognição e Linguagem da UENF*
biareispacheco.bp5@gmail.com

Resumo

As transformações impulsionadas pelas tecnologias digitais consolidaram o YouTube como uma das principais plataformas utilizadas por estudantes com fins educacionais, situando-se na fronteira entre o ensino não formal e o informal. Este trabalho tem como objetivo analisar como o YouTube pode ser criticamente apropriado como recurso educativo, desde que articulado ao letramento digital e à mediação pedagógica. A metodologia é de natureza bibliográfica e reflexiva, com base em autores como Lankshear e Knobel (2008), que discutem os novos letramentos, e Paulo Freire (1996), cuja pedagogia crítica sustenta a mediação como prática emancipadora. A análise indica que, embora o acesso à informação seja amplo, sua apropriação crítica exige competências específicas, cuja formação depende da qualificação docente e de políticas públicas. Conclui-se que o YouTube não deve substituir a educação formal, mas pode complementá-la quando orientado por práticas pedagógicas que promovam análise crítica, equidade e autonomia intelectual.

Palavras-chave: YouTube, Letramento pedagógico, Mediação pedagógica.

Abstract

The transformations driven by digital technologies have consolidated YouTube as one of the main platforms used by students for educational purposes, situated at the intersection between non-formal and informal education. This paper aims to analyze how YouTube can be critically appropriated as an educational resource, as long as it is articulated with digital literacy and pedagogical mediation. The methodology is bibliographic and reflective, based on authors such as Lankshear and Knobel (2008), who discuss new literacies, and Paulo Freire (1996), whose critical pedagogy supports mediation as an emancipatory practice. The analysis indicates that although access to information is wide, its critical appropriation requires specific competencies, which depend on teacher training and public policies. It is concluded that YouTube should not replace formal education, but it can complement it when guided by pedagogical practices that promote critical analysis, equity, and intellectual autonomy.

Keywords: YouTube, Digital literacy, Pedagogical mediation.

Introdução

As transformações sociotécnicas que caracterizam o início do século XXI têm ampliado significativamente os espaços e as formas de produção e circulação do conhecimento, deslocando os processos educativos para além dos limites físicos e institucionais da escola. Nesse cenário, plataformas digitais como o YouTube têm se consolidado como ferramentas centrais no cotidiano formativo, especialmente entre os sujeitos jovens, revelando novas dinâmicas de aprendizagem que articulam elementos da educação formal, não formal e informal.

A Pesquisa TIC Educação 2023, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), indica que o YouTube é uma das plataformas mais utilizadas por estudantes da rede pública para acessar conteúdos escolares fora do ambiente escolar, sendo acessada majoritariamente por meio de dispositivos móveis. Esse dado reforça a relevância da plataforma como parte do ecossistema de aprendizagem contemporâneo, ao mesmo tempo em que suscita reflexões sobre as condições de acesso, os critérios de qualidade dos conteúdos e a presença — ou ausência — de mediação pedagógica nos processos de apropriação do conhecimento.

No entanto, a simples ampliação do acesso a conteúdos digitais não se traduz automaticamente em processos formativos emancipatórios. A lógica algorítmica da plataforma, orientada pelo engajamento e pela monetização, tende a privilegiar conteúdos sensacionalistas e fragmentados, muitas vezes desprovidos de rigor conceitual. Diante disso, torna-se urgente discutir as condições para que o uso do YouTube em contextos educacionais ocorra de forma crítica, consciente e socialmente orientada.

Autores como Rojo (2013) e Lankshear e Knobel (2008) destacam que os letramentos digitais devem ser compreendidos como práticas sociais que envolvem não apenas competências técnicas, mas também habilidades interpretativas, autoria, análise crítica e capacidade de atuação nos ambientes digitais. Nesse sentido, o papel da mediação pedagógica, à luz da pedagogia crítica de Freire (1996), torna-se indispensável para que os sujeitos possam atribuir sentido às informações que consomem e transformá-las em conhecimento significativo.

Este artigo, de natureza teórico-reflexiva e fundamentado em autores como Gohn, Brandão, Trilla, Rojo, Buckingham, Lankshear, Knobel e Freire, tem como objetivo analisar de que modo o YouTube pode ser criticamente apropriado como recurso educativo, desde que articulado ao letramento digital e à mediação pedagógica. Ao situar-se na interseção entre as culturas digitais e os processos formativos contemporâneos, busca-se contribuir com a compreensão dos desafios e das potencialidades envolvidas na utilização da plataforma como ferramenta educacional, bem como oferecer subsídios para futuras investigações empíricas sobre o tema.

2. Fundamentação teórica

2.1 Educação não formal e informal: fundamentos e sentidos formativos

A distinção entre educação formal, não formal e informal constitui um marco analítico essencial para compreender os processos formativos que extrapolam os espaços escolares instituídos. Trilla (2008) caracteriza a educação não formal como aquela que, embora desenvolvida fora dos sistemas oficiais, conserva intencionalidades pedagógicas claras e estruturadas. Já a educação informal emerge de práticas espontâneas, ligadas à vida cotidiana e às interações sociais não planejadas. Essa diferenciação, embora útil, vem sendo tensionada pelos contextos contemporâneos, em que os limites entre essas categorias tornam-se cada vez mais fluidos, especialmente diante da centralidade crescente das plataformas digitais no cotidiano dos sujeitos.

Gohn (2009), ao investigar múltiplos espaços educativos, aponta que a formação humana ocorre em tempos e lugares plurais, sendo as mídias, os movimentos culturais e as redes comunitárias ambientes férteis para a produção de sentidos. Em diálogo com Brandão (2002), entende-se que qualquer espaço onde circulem experiências e significados pode se converter em território educativo. As plataformas digitais, como o YouTube, intensificam essa reconfiguração dos lugares da aprendizagem, pois nelas se entrelaçam práticas de entretenimento, estudo, sociabilidade e construção de identidade. Trata-se de um fenômeno que complexifica a compreensão do que é ensinar e aprender, e que exige novas abordagens interpretativas.

O YouTube torna-se uma ferramenta recorrente entre estudantes que buscam complementar seus estudos, revisar conteúdos ou se preparar para exames. Entretanto, a simples exposição à informação não garante processos formativos significativos: é preciso investigar de que modo essas experiências são vividas, interpretadas e incorporadas pelos sujeitos em suas trajetórias educativas. A problematização das formas como os jovens acessam, filtram, compartilham e reconstróem o conhecimento é imprescindível para uma educação que se pretenda emancipadora.

2.2 Letramento digital e práticas sociotécnicas contemporâneas

Compreender o YouTube como espaço educativo implica situá-lo no campo dos letramentos digitais, entendidos por Rojo (2013) como práticas sociais que articulam múltiplas linguagens, tecnologias e modos de significação. Lankshear e Knobel (2008) aprofundam esse entendimento ao afirmar que os “novos letramentos” envolvem mais do que o domínio técnico de ferramentas: tratam de modos de participação social, construção de identidade e produção de sentido em ambientes mediados por tecnologias. O letramento digital, nesse sentido, vai além de competências técnicas, demandando capacidade crítica de interpretação, autoria e engajamento consciente.

No contexto das plataformas digitais, o letramento digital envolve competências específicas, como a capacidade de verificar a confiabilidade de fontes, interpretar conteúdos multimodais e compreender a lógica algorítmica que organiza a visibilidade dos materiais. Buckingham (2007) contribui para esse debate ao destacar que a educação para a mídia deve promover a compreensão crítica das funções sociais, econômicas e ideológicas dos produtos midiáticos. As mídias digitais, ao estruturarem grande parte da vida social, tornam-se, elas mesmas, conteúdos a serem compreendidos criticamente.

A leitura de vídeos, comentários, thumbnails e estratégias de edição demanda repertórios analíticos que nem sempre estão presentes nos estudantes. A ausência dessas competências críticas pode gerar vulnerabilidades cognitivas e ideológicas, como a adesão a conteúdos pseudocientíficos, a desinformação ou o consumo acrítico de discursos sensacionalistas. Na maioria das escolas do nosso país embora a conectividade esteja crescendo de forma gradativa, muitos estudantes ainda não possuem repertório suficiente para transformar o consumo de vídeos em experiências formativas profundas — o que reforça a urgência de políticas públicas e ações pedagógicas que consolidem práticas de letramento digital emancipador. Mais do que acessar conteúdos, trata-se de formar sujeitos capazes de atuar criticamente na cultura digital.

2.3 Mediação pedagógica, educomunicação e o Youtube como ecossistema formativo

A expansão dos processos educativos em ambientes digitais recoloca a mediação pedagógica como dimensão estruturante da aprendizagem, mesmo quando esta se dá fora da escola. À luz da pedagogia crítica freireana, o ato de mediar não se limita à organização de conteúdos ou à oferta de orientações técnicas: trata-se de uma prática ética e política, comprometida com a leitura crítica do mundo e com a construção

coletiva de sentidos orientados à emancipação dos sujeitos (FREIRE, 1996).

Nesse horizonte, a perspectiva da educomunicação, conforme Soares (2011), oferece importantes contribuições ao propor a criação de ecossistemas comunicativos mais democráticos, nos quais os estudantes não apenas consomem conteúdos, mas também compreendem os modos de sua produção, circulação e os interesses que os atravessam. Kenski (2012) acrescenta que a docência contemporânea exige a articulação de saberes pedagógicos, tecnológicos e culturais, reconhecendo que os ambientes digitais são moldados por dinâmicas de poder, interesses econômicos e disputas simbólicas.

A apropriação pedagógica do YouTube, portanto, demanda a problematização crítica de seus mecanismos — como os algoritmos de recomendação, os critérios de monetização, as formas de autoridade dos influenciadores e os discursos que buscam se legitimar como saber. Essa mediação é especialmente necessária nas escolas, onde estudantes desenvolvem práticas autônomas de estudo na plataforma, mas carecem, muitas vezes, de acompanhamento que os ajude a desnaturalizar representações hegemônicas e construir uma relação mais consciente, crítica e produtiva com os meios digitais. A mediação pedagógica, nesse contexto, precisa se renovar para dialogar com as linguagens juvenis, sem abrir mão do rigor formativo.

3. Desenvolvimento do tema

3.1 O Youtube como espaço híbrido de aprendizagem

A consolidação do YouTube como um dos principais espaços de estudo utilizados por crianças, jovens e adultos evidencia a emergência de um ecossistema formativo híbrido, ou seja, um ambiente educacional em que diferentes saberes, sujeitos e práticas se cruzam, articulando elementos da educação formal, não formal e informal. A plataforma digital configura-se como um espaço múltiplo e heterogêneo, onde coexistem diferentes atores, intencionalidades e práticas formativas. Embora também seja mobilizada por instituições escolares e docentes em contextos formais, a lógica aberta, descentralizada e acessível do YouTube favorece especialmente usos vinculados à educação não formal, como o estudo autônomo, o reforço escolar e a busca por conteúdos explicativos fora do currículo prescrito.

Como destacam Gohn (2009) e Trilla (2008), os processos formativos contemporâneos não se limitam aos espaços institucionais da escola, desenvolvendo-se também em territórios educativos mediados por mídias digitais, redes sociais e experiências culturais diversas. Frente a essa complexidade, torna-se necessário reconhecer que a aprendizagem se dá em múltiplos ambientes, nos quais os sujeitos exercem protagonismo na construção de sentidos. Nesse contexto, o YouTube opera como ferramenta que amplia possibilidades de aprendizagem, mas cuja apropriação crítica exige mediação qualificada, capaz de evitar leituras simplificadoras e adesões automáticas a conteúdos pseudocientíficos ou sensacionalistas.

Sendo assim, compreender o YouTube como espaço híbrido de aprendizagem implica reconhecer que os processos educativos se expandiram para além dos limites institucionais da escola. Tais processos agora se desenvolvem em ambientes digitais atravessados por lógicas de mercado, disputas simbólicas e algoritmos que moldam visibilidades e acessos. Tal reconhecimento exige não apenas domínio técnico, mas também uma reflexão epistemológica sobre o próprio conceito de educação, capaz de integrar os novos modos de construção do conhecimento em rede e fortalecer a autonomia crítica dos sujeitos na cultura digital contemporânea.

3.2 Potencialidade pedagógicas e limites epistemológicos da plataforma

Ao reconhecer o YouTube como parte de um ecossistema formativo híbrido, é necessário examinar suas potencialidades e limites pedagógicos. A presença cotidiana da plataforma no universo estudantil amplia os horizontes da aprendizagem para além dos tempos e espaços escolares, favorecendo o acesso a uma diversidade de conteúdos, linguagens e abordagens. Muitos estudantes utilizam vídeos de revisão de matemática, tutoriais de redação, aulas de história ou resumos de literatura como estratégias para complementar o ensino formal, o que demonstra sua importância no campo da educação não formal.

Essa diversidade é ainda mais significativa quando articulada às práticas de letramento digital. Lankshear e Knobel (2008) afirmam que os novos letramentos envolvem não apenas habilidades técnicas, mas também a capacidade de participar ativamente de práticas sociais de leitura, produção e circulação de significados em ambientes digitais. De forma complementar, Rojo (2013) defende que os letramentos digitais requerem competências multimodais, ou seja, a habilidade de interpretar, criticar e produzir sentido por meio de diferentes linguagens. Quando bem orientado, o uso do YouTube pode, portanto, estimular a autoria, a pesquisa autônoma e o pensamento crítico.

Entretanto, essas potencialidades são tensionadas por limites epistemológicos relevantes. A estrutura algorítmica da plataforma prioriza vídeos com alto engajamento, nem sempre baseados em critérios de qualidade pedagógica ou consistência conceitual. Buckingham (2007) alerta que os produtos midiáticos são atravessados por disputas simbólicas, interesses comerciais e representações ideológicas, exigindo do espectador um posicionamento crítico diante do conteúdo consumido. Vídeos apelativos, simplificados ou sensacionalistas tornam-se mais visíveis, enquanto materiais mais densos ou reflexivos permanecem à margem da lógica da recomendação.

Sem mediação pedagógica, os estudantes tendem a consumir conteúdos de maneira fragmentada e utilitarista, em busca de respostas rápidas às suas dúvidas escolares. Essa prática reforça modos de aprendizagem centrados na memorização imediata, esvaziando o processo reflexivo e dificultando a construção de saberes mais complexos. Como lembra Freire (1996), educar é um ato político que exige intencionalidade crítica, diálogo e consciência. Assim, para que o YouTube possa de fato se constituir como ferramenta formativa, é fundamental que sua utilização esteja inserida em práticas pedagógicas que favoreçam a análise crítica, a curadoria de conteúdo e a produção autêntica de conhecimento.

3.3 Desigualdades digitais e apropriações educativas no Brasil

As práticas educativas mediadas por plataformas digitais como o YouTube não ocorrem de maneira homogênea, sobretudo em contextos sociais atravessados por desigualdades estruturais de acesso, infraestrutura e repertório sociocultural. No Brasil, embora haja avanços na conectividade das escolas públicas, persistem disparidades significativas entre redes de ensino, regiões e territórios. Tais desigualdades impactam diretamente as formas como estudantes acessam conteúdos, constroem conhecimentos e desenvolvem autonomia em ambientes digitais.

De acordo com o Censo Escolar 2024, sistematizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 93% das escolas públicas de educação básica possuem acesso à internet, e 76% contam com ao menos um computador portátil disponível para uso pedagógico. No entanto, apenas 39% dessas instituições possuem laboratórios de informática em funcionamento, e menos da metade relatam o uso sistemático das tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem. Esses dados revelam um descompasso entre a presença física dos

equipamentos e sua apropriação pedagógica qualificada, o que limita o potencial formativo de plataformas como o YouTube no cotidiano escolar.

Além da infraestrutura escolar, fatores extracurriculares também influenciam diretamente o modo como os estudantes se relacionam com os recursos digitais. A qualidade da conexão em casa, a disponibilidade de dispositivos próprios, o repertório cultural familiar e a autonomia digital dos sujeitos são elementos que afetam a apropriação crítica da plataforma. Buzato (2013) denomina esse conjunto de condições como ecologia dos letramentos digitais, sublinhando que o acesso às práticas digitais está profundamente marcado por desigualdades socioeconômicas e educacionais.

A Pesquisa TIC Educação 2023, realizada pelo CETIC.br, mostra que os celulares continuam sendo os dispositivos mais utilizados pelos estudantes da rede pública para acessar conteúdos escolares fora da escola. Essa realidade reforça o papel do YouTube como recurso amplamente mobilizado na educação não formal, sendo acessado de forma autônoma por estudantes que buscam compreender conteúdos, revisar matérias ou superar lacunas deixadas pela escola. Contudo, o uso sem orientação crítica pode levar a práticas de aprendizagem fragmentadas, focadas em respostas rápidas e desvinculadas de uma formação conceitual sólida.

Assim, o aproveitamento pedagógico do YouTube está condicionado a uma rede de fatores sociais, técnicos e institucionais. A ausência de estratégias que articulem infraestrutura adequada, formação docente e letramento digital crítico tende a aprofundar desigualdades já presentes na educação formal. Por isso, torna-se urgente o investimento em políticas públicas que promovam o uso consciente das tecnologias, bem como a realização de pesquisas empíricas que investiguem como estudantes de diferentes contextos se apropriam dessas ferramentas em suas rotinas formativas

3.4 Mediação pedagógica e formação crítica na cultura digital

Diante dos desafios impostos pela lógica algorítmica e pela fragmentação dos conteúdos no YouTube, a mediação pedagógica emerge como elemento essencial para garantir que o uso da plataforma se converta em experiência formativa crítica. Mediar, nesse contexto, significa muito mais do que selecionar vídeos ou organizar conteúdos; trata-se de uma prática ética e política voltada à construção de sujeitos capazes de interpretar, problematizar e intervir nos discursos que circulam nos ambientes digitais.

Essa mediação adquire novos contornos quando situada na cultura digital, entendida por Santaella (2013) como um regime de produção, circulação e apropriação de conhecimentos marcado pela convergência tecnológica, interatividade e reconfiguração das práticas sociais. Nesse cenário, os processos educativos se descentralizam, ganham novos espaços e se moldam a partir de relações que envolvem múltiplas linguagens, tempos e agentes, demandando, portanto, uma pedagogia atenta às contradições da cultura digital.

Na perspectiva da pedagogia crítica freireana, o papel do educador é o de mediador dialógico, alguém que constrói saberes com os estudantes, promove a leitura crítica da realidade e estimula a autonomia intelectual. Essa abordagem permite compreender o YouTube não como uma ameaça à escola, mas como um espaço que, quando articulado a práticas reflexivas e emancipatórias, pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Rojo (2013) reforça que o letramento digital envolve não apenas o uso funcional das tecnologias, mas a capacidade de produzir, avaliar e circular informações de forma crítica e ética. Por isso, integrar o YouTube a propostas pedagógicas exige planejamento didático, curadoria de conteúdos e desenvolvimento de habilidades que permitam aos estudantes ler o mundo por meio das mídias.

Assim, para que o YouTube contribua efetivamente com a formação crítica dos sujeitos, é necessário que esteja inserido em projetos pedagógicos que valorizem o diálogo, a reflexão e o protagonismo estudantil. Ao fazê-lo, não apenas ampliamos as

possibilidades formativas, como também reposicionamos a escola como espaço de leitura crítica da cultura digital e de resistência às formas hegemônicas de produção e difusão do conhecimento.

4. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu reconhecer o YouTube como um espaço formativo híbrido, que desafia fronteiras entre educação formal, não formal e informal. Sua presença crescente nas rotinas de estudo de estudantes de diferentes idades e contextos evidencia a emergência de novas formas de aprender, nas quais a autonomia, a busca por sentido e a mediação tecnológica adquirem centralidade. Longe de constituir uma ameaça à escola, a plataforma pode ampliar o repertório educacional dos sujeitos, desde que integrada a práticas pedagógicas críticas, intencionais e contextualizadas.

Por outro lado, foi possível demonstrar que a apropriação educativa do YouTube está profundamente condicionada por fatores técnicos, sociais e culturais, que variam entre territórios, escolas e trajetórias de vida. As desigualdades de acesso à infraestrutura, à conectividade e ao letramento digital revelam que o potencial formativo da plataforma não se realiza de maneira homogênea. Sem mediações adequadas, os riscos da fragmentação, do consumo acrítico de conteúdos e da superficialidade epistemológica tornam-se mais presentes, contribuindo para a reprodução de desigualdades educacionais já existentes. Nesse cenário, a mediação pedagógica emerge como eixo estruturante para que o YouTube e outras ferramentas digitais sejam incorporadas à prática educativa de forma consciente, criativa e transformadora. Tal mediação exige formação docente continuada, políticas públicas de inclusão digital e propostas curriculares que articulem criticamente saberes escolares e culturas juvenis.

Concluimos, portanto, que o YouTube não é, por si só, um recurso emancipador ou limitador. Seu impacto nos processos formativos dependerá das condições concretas de sua apropriação, das intencionalidades pedagógicas que o orientam e das possibilidades de diálogo entre os sujeitos, os saberes e as tecnologias. Pesquisas empíricas futuras poderão contribuir para mapear essas apropriações em contextos específicos, aprofundando o entendimento sobre as formas de aprender na cultura digital e subsidiando a construção de uma escola mais aberta, crítica e conectada às dinâmicas do presente.

Referências

BUCKINGHAM, David. *Educação para a mídia: alfabetização, aprendizagem e cultura contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2007.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Letramentos digitais e formação de professores: desafios contemporâneos*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação em projetos sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New literacies: everyday practices and classroom learning*. 2. ed. Maidenhead: Open University Press, 2008.

ROJO, Roxane. *Escola e multiletramentos: diversidade e produção de sentidos*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura digital*. São Paulo: Paulus, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

TRILLA, Jaume. *A educação não formal*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CETIC.br – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Pesquisa TIC Educação 2023. São Paulo: NIC.br, 2024. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/indicadores/>. Acesso em: 10 jan 2026.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar da Educação Básica 2024: Resultados Preliminares*. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 10 jan 2026.